

Problemas de família não se discutem na rua!

DISCUTIR na rua problemas de família ou de casal é o mesmo que se despir e andar nu na via pública, entende Cristina Honhoana, uma idosa de 76 anos de idade. É que para esta mulher, quando o casal está desavindo acaba expondo toda a intimidade, não criando uma boa imagem nem da esposa, nem do esposo, nem daquilo que se pretende que seja um casamento ou união de facto.

Encontrámos Cristina Honhoana, na terça-feira, 22 de Maio, sentada defronte do Centro de Atendimento Integrado (CAI) às vítimas de violência no distrito de Marracuene, província de Maputo.

Ela voltava do Centro de Saúde local, adjacente ao CAI, para cuidar da sua saúde, pois é hipertensa e sabe que deve controlar regularmente o seu estado de saúde.

Saudámo-la e convidou-nos para sentar. Mesmo estando debaixo da sombra, o Sol aquecia a terra. A tempe-



O Centro de Atendimento Integrado pode servir de espaço para reconciliação de casais desavindos

ratura rondava os 30° celsius, segundo previsão do Instituto Nacional de Metrologia.

Quisemos saber dela sobre o que achava da violência doméstica e do centro de atendimento a vítimas de violência. Não se fez de rogada e respondeu: “Acho que é uma

boa iniciativa ter-se estes centros no país. Fico triste quando vejo casais, sobretudo jovens, a brigar na rua, pois acabam divulgando algumas particularidades, que não se deviam partilhar com ninguém. Infelizmente, ouvimos de tudo na rua. Quanto mais as pessoas

(o público) se aproximam, ao invés de os contendores se retraírem e ficarem envergonhados, aumentam o tom de voz e vão se despidendo na rua. Os casais devem sempre saber que problemas de quarto não se discutem no espaço público”, disse.

A idosa entende que, sendo os centros de atendimento espaços fechados, podem servir de lugares onde os casais desavindos possam sentar-se e dialogar até encontrarem a solução dos seus problemas, para evitar que as coisas aconteçam na rua.

Para Cristina, problemas no casal sempre existiram e não vão acabar. O importante, segundo ela, é saber dialogar, procurar compreender o outro e não partir do pressuposto de que “tenho razão e pronto”.

“Trocar palavras e insultos na rua pode terminar em pancadaria. O desafio é o casal identificar o problema e não olhar para a esposa ou esposo como sendo o problema”, observou.

Esta idosa entende que, actualmente, as pessoas não se comprometem a sério para o casamento. “Vocês, jovens, não se respeitam. Trocam de parceiros como se estivessem a trocar de capulana, com aquele orgulho de que vou arranjar outro/a”, lamentou.

Violência do passado cujas marcas prevalecem



atormenta.

“Escuta, minha neta: gostaria que as pessoas que me tiraram todos os meus bens recebessem este recado: melhor é me procurarem para pedirem desculpas, eu ainda viva, porque difícil é pedir desculpas a um morto. Juntos podemos dialogar”, recomendou.

Cristina Honhoana viveu estes momentos há mais de 30 anos, mas narra-os como se tivessem acontecido no dia an-

dormir, convidei-o para irmos à cama e ele disse para que eu adiantasse. Ainda questionei o facto dizendo “desde quando vivemos assim”, ele disse que queria continuar a beber. Respeitei e fui deitar-me. Tempos depois o ouvi a pedir socorro, quando me aproximei, ele estava a espumar-se da boca. Ele havia tomado muitos comprimidos e acabou por falecer. Ainda tentei dar-lhe leite, mas já era tarde”, disse.

tiza: “Quando conheci o meu marido, estava muito doente, a família quase que lhe tinha abandonado. Cuidei dele e recuperou. Ele vivia numa casa quase a cair. Contribuí para a reconstrução, compra de móveis. Sou uma pessoa dada. Ajudo as pessoas em oração. Muitas depois apareciam a oferecer-me 50 ou 100 mil meticais. Confiava no meu marido para depositar os valores no banco. Mesmo assim, ninguém pensou em mim.

Violência do passado cujas marcas prevalecem



Cristina Honhana falando da violência que sofreu quando perdeu o marido

AO longo do seu percurso, Cristina Honhana viveu momentos bons e maus no casamento. Já foi abandonada pelo marido, que se fixou na África do Sul. Mesmo assim, não saiu do lar, manteve-se para cuidar dos sogros por longos anos até que o

marido desaparecido faleceu.

O pior momento da sua vida no lar, segundo ela, foi quando se viu expulsa de sua casa pelos familiares do segundo marido. Saiu de lá sem sequer uma capulana. Este episódio permanece até hoje na sua mente e lhe

atormenta.

“Escuta, minha neta: gostaria que as pessoas que me tiraram todos os meus bens recebessem este recado: melhor é me procurarem para pedirem desculpas, eu ainda viva, porque difícil é pedir desculpas a um morto. Juntos podemos dialogar”, recomendou.

Cristina Honhana viveu estes momentos há mais de 30 anos, mas narra-os como se tivessem acontecido no dia anterior. Contou passo a passo do que aconteceu. O tom de voz e a expressão facial melancólica acompanhavam o momento.

“Voltávamos da zona do Benfica (cidade de Maputo), quando o meu marido entrou na farmácia e comprou alguns comprimidos. Chegamos à casa (bairro Tsalala, na Matola) ocupei-me dos meus afazeres enquanto ele consumia ukanhi (bebida tradicional feita de caju). Quando chegou a hora de

dormir, convidei-o para irmos à cama e ele disse para que eu adiantasse. Ainda questionei o facto dizendo “desde quando vivemos assim”, ele disse que queria continuar a beber. Respeitei e fui deitar-me. Tempos depois o ouvi a pedir socorro, quando me aproximei, ele estava a espumar-se da boca. Ele havia tomado muitos comprimidos e acabou por falecer. Ainda tentei dar-lhe leite, mas já era tarde”, disse.

Acrescentando que “quando a família dele chegou, acusou-me de ter morto o meu marido. Tiraram-me todos os bens, os cartões de banco, os carros. Enquanto eu chorava a morte do meu marido, eles vendiam a casa. Saí do lar sem nada, mesmo os móveis que levei para lá. Para piorar, mandaram prender-me. Fiquei na cela por 24 horas”, contou.

Nessa altura, Cristina era líder da comunidade, e profe-

tiza: “Quando conheci o meu marido, estava muito doente, a família quase que lhe tinha abandonado. Cuidei dele e recuperou. Ele vivia numa casa quase a cair. Contribuí para a reconstrução, compra de móveis. Sou uma pessoa dada. Ajudo as pessoas em oração. Muitas depois apareciam a oferecer-me 50 ou 100 mil meticais. Confiava no meu marido para depositar os valores no banco. Mesmo assim, ninguém pensou em mim. Expulsaram-me de casa, depois de 10 anos de convivência com o meu marido”, disse, apelando às famílias para que respeitem os viúvos e, sobretudo, as viúvas, porque acabam colocando-as numa situação de dupla tristeza: perder o marido e ser acusada de assassina.

Depois deste episódio, Cristina voltou à casa dos pais em Marracuene, onde ela vive até hoje. Já construiu uma casa tipo três graças ao seu trabalho.

Cresce número de denúncias

A VIOLÊNCIA contra a mulher é uma realidade no nosso país. Em Marracuene, um distrito com cerca de 230 mil habitantes, de acordo com dados preliminares do censo geral da população e habitação 2017, mais de 500 casos de violência deram entrada no Centro de Atendimento Integrado às vítimas de violência desde Março do ano passado, altura da inauguração do edifício, até a esta semana.

A maior parte destes casos é de mulheres. Algumas queixaram-se de agressão física, verbal e psicológica, expropriação de bens, falta de pensão de alimentos, entre outros. “Desde que inauguramos o centro, as denúncias vêm aumentando a cada

dia”, referiu Francelino Devesse, director distrital de Saúde, Mulher e Acção Social de Marracuene. Explicou que muitos casos que dão entrada no centro têm seguimento, atendendo que na mesma instalação funcionam os Serviços de Acção Social, Procuradoria, Polícia e Saúde.

“Nós, como Saúde, conseguimos fazer o seguimento na parte médica. Entretanto, o que acontece é que algumas mulheres, quando se sentem melhor, já não aparecem no hospital para tratamentos subsequentes. Há casos de mulheres que acabam mesmo por retirar a queixa, algumas por pressão da família, outras por dependência económica”, lamentou Devesse.



Francelino Devesse aponta para o aumento de denúncias de casos de violência em Marracuene

DICAS SOBRE SAÚDE

Alimentos que auxiliam na fertilidade

MULHERES que querem engravidar podem contar com uma ajudinha extra para facilitar a fertilidade. De acordo com nutricionistas, alguns nutrientes são essenciais na optimização da fertilidade tanto de homens, quanto de mulheres, pois melhoram a qualidade dos óvulos, a motilidade do

indicados, contudo, não se esqueça de procurar ajuda médica sempre que necessário.

Cenoura, brócolos, espinafre e ervilha: fontes de betacaroteno, auxiliam na formação do corpo lúteo, a camada dentro do ovário que recebe o óvulo e controla alterações hormonais espe-

laranja e morangos são ricas em vitamina C, ajudam a melhorar a contagem total de espermatozoides e aumentam sua motilidade.

Carnes magras: assim como as frutas vermelhas, oleaginosas e vegetais folhosos de coloração verde-escuro são alimentos ricos em vitamina E. C

motilidade e saúde dos espermatozoides e maturação do óvulo.

Cereais integrais e sementes: são excelentes fontes de vitaminas do complexo B, que ajudam a regular a produção hormonal, essencial para a fecundação.